

O CORPO FEMININO COMO TERRITÓRIO DE PODER: UMA ANÁLISE DO CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

THE FEMALE BODY AS A TERRITORY OF POWER: AN ANALYSIS OF THE CULTURAL CURRICULUM OF PHYSICAL EDUCATION

Pedro Henrique Magalhães do Nascimento¹; João Vitor Magalhães do Nascimento²

Centro Educacional Sesi¹; Universidade de São Paulo – USP²

E-mail para contato: pedrohmagalhaes0908@gmail.com; oficialmagalhaes1@gmail.com

RESUMO

A proposta visa abordar o corpo feminino nas aulas de Educação Física a partir da perspectiva do currículo cultural. O objetivo é entender como as práticas corporais nas escolas são influenciadas pelas relações de poder, gênero e sociedade, destacando o corpo feminino como um espaço simbólico e político, caracterizado por conflitos históricos e culturais. A abordagem utilizada é qualitativa e bibliográfica, fundamentada na análise crítica de trabalhos acadêmicos recentes que tratam de gênero, corpo e Educação Física. A pesquisa revela que, apesar da permanência de estereótipos e práticas que limitam a atuação das mulheres, o currículo cultural se apresenta em caminho pedagógico para desconstrução de paradigmas e valorização da diversidade. Conclui que a análise crítica do corpo feminino ajuda a reconfigurar as práticas educacionais e a fomentar uma maior igualdade de gênero nas instituições de ensino.

Palavras-chave: Corpo feminino. Currículo cultural, Educação Física, Poder, Sociedade.

ABSTRACT

The proposal aims to address the female body in Physical Education classes from the perspective of the cultural curriculum. The goal is to understand how bodily practices in schools are influenced by power relations, gender, and society, highlighting the female body as a symbolic and political space, characterized by historical and cultural conflicts. The approach used is qualitative and bibliographic, based on the critical analysis of recent academic works addressing gender, the body, and Physical Education. The research reveals that, despite the

persistence of stereotypes and practices that limit women's participation, the cultural curriculum presents a pedagogical path toward deconstructing paradigms and valuing diversity. It concludes that a critical analysis of the female body helps reconfigure educational practices and foster greater gender equality in educational institutions.

Keywords: Female body. Cultural curriculum, Physical Education, Power, Society.

1 INTRODUÇÃO

A presença do corpo feminino na sociedade sempre foi influenciada por discursos sociais, religiosos e científicos. Na escola, especialmente nas aulas de Educação Física, essas falas se concretizam em práticas pedagógicas que frequentemente perpetuam estereótipos de gênero. Ao longo da história, a cultura corporal foi formada a partir de uma perspectiva majoritariamente masculina, na qual a mulher foi relegada a papéis secundários ou vinculada à fragilidade. Nesse cenário, o currículo cultural da Educação Física surge como uma abordagem pedagógica que valoriza as narrativas diversas e desafia as práticas excludentes.

Este artigo examina o corpo feminino como um território simbólico e de conflito no ambiente escolar, considerando as aulas de Educação Física como foco da reflexão. Para isso, estabelece um diálogo com autores da sociologia, filosofia e pedagogia crítica, como Foucault (2018), Butler (2021), Bourdieu (2015), Louro (2019) e Neira (2020), bem como com estudos contemporâneos que abordam gênero e práticas corporais. O objetivo do debate é mostrar como a Educação Física pode contribuir tanto para a perpetuação das desigualdades quanto para a criação de alternativas emancipadoras.

Entendo isso, no eixo de corpo e poder, Foucault (2018) aborda o corpo como um local de disciplina e normatização, enfatizando o papel das instituições sociais na produção de indivíduos por meio de práticas de controle. Para as mulheres, isso se reflete em padrões de beleza, comportamento e desempenho que ainda persistem nas práticas educacionais. Desse modo, o corpo feminino torna-se um espaço político, sujeito a controle e supervisão.

No que tange gênero e educação, as análises de Louro (2019) e Butler (2021) mostram que o gênero vai além de um aspecto biológico, sendo também uma construção social, performática e política. A escola, como ambiente de socialização, tanto ajuda na preservação de papéis tradicionais quanto na abertura para novas formas de expressão. Nesse contexto, a

Educação Física pode tanto replicar comportamentos sexistas, como a divisão estrita entre meninos e meninas, quanto fomentar experiências emancipadoras que deem destaque ao protagonismo feminino.

Quando se refere ao currículo cultural da educação física, de acordo com Neira (2020) e Souza Junior (2019), ela visa quebrar os modelos universalistas e homogêneos, dando importância às narrativas locais, às histórias individuais e aos diversos significados das práticas corporais. Essa abordagem permite a incorporação de diferentes experiências, como as vivências das mulheres, que foram historicamente marginalizadas. Pesquisas recentes (Silva & Oliveira, 2022; Martins, 2023) indicam que abordagens pedagógicas baseadas no currículo cultural ajudam a questionar normas de gênero e a fomentar a equidade.

Ainda se propõe o aprofundamento das discussões acerca do corpo feminino como território político e cultural, a partir das contribuições de autoras feministas e pesquisadores da Educação Física crítica. Essa reflexão busca consolidar o entendimento de que o corpo não é uma estrutura biológica isolada, mas um campo simbólico em constante disputa de significados.

Foucault (2018) já havia apontado que os corpos são moldados por dispositivos de poder e saber que delimitam comportamentos aceitáveis e reforçam a normatividade social. No caso do corpo feminino, esse controle se materializa em padrões estéticos, morais e culturais que atravessam as práticas educacionais. Butler (2021) reforça essa visão ao afirmar que o gênero é uma performance social reiterada por discursos e práticas, e que o corpo se torna o local de materialização dessas normas. Essa compreensão permite pensar as aulas de Educação Física como espaços de resistência, nos quais a desconstrução das performances de gênero pode ocorrer de forma crítica e emancipatória.

Ao considerar a perspectiva de Bourdieu (2015), o corpo também expressa *habitus* — estruturas incorporadas que refletem as condições sociais e culturais de determinado grupo. O corpo feminino, nesse sentido, internaliza as formas de dominação e distinção presentes na sociedade patriarcal. A Educação Física, ao atuar sobre o corpo, pode tanto reproduzir quanto subverter essas estruturas, dependendo de suas intencionalidades pedagógicas. Essa visão é reforçada por Taffarel (2020), que entende a Educação Física como um campo político e cultural que deve promover práticas libertadoras.

A interseccionalidade, conceito central proposto por Crenshaw (2020), amplia o debate ao destacar como gênero, raça e classe interagem na formação das desigualdades. hooks (2021) contribui nesse sentido ao discutir que o feminismo deve ser compreendido como um movimento de libertação coletiva, em que o corpo da mulher negra, periférica e trabalhadora representa uma resistência simbólica e histórica às opressões de poder. Na escola, reconhecer essas camadas é essencial para que as práticas pedagógicas não invisibilizem experiências diversas de ser mulher.

No campo da Educação Física, autores como Kunz (2021), Betti (2019) e Gaya (2022) argumentam que a superação de modelos tecnicistas requer uma educação corporal crítica e culturalmente situada. O currículo cultural, defendido por Neira (2020), reforça esse movimento ao propor uma pedagogia que valoriza a pluralidade das manifestações corporais. A partir dessa ótica, práticas como a dança, as lutas e os jogos tradicionais podem se tornar instrumentos de valorização identitária e reflexão social.

Portanto, compreender que o corpo feminino nas aulas de Educação Física é atravessado por múltiplas camadas de poder, cultura e história. Reconhecer essa complexidade é o primeiro passo para transformar o currículo em um espaço de resistência e emancipação. A abordagem cultural possibilita que professoras e estudantes reinterpretem o corpo como expressão de subjetividades, experiências e memórias, fortalecendo a construção de uma Educação Física inclusiva e crítica.

Além disso, é importante refletir sobre o papel das políticas públicas na consolidação de práticas pedagógicas equitativas. Documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) enfatizam a importância da valorização das diversidades culturais e corporais. No entanto, sua implementação ainda encontra desafios, sobretudo no enfrentamento das desigualdades de gênero e na formação docente. Assim, pensar o corpo feminino como território de poder também implica revisitar as práticas curriculares e metodológicas que sustentam a Educação Física contemporânea.

Dessa forma, compreende-se que a luta por reconhecimento do corpo feminino nas práticas corporais não é apenas pedagógica, mas também política. A valorização da diversidade, a crítica às relações de dominação e a promoção da equidade devem orientar o currículo cultural como um caminho para a transformação social.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão da literatura, com abordagem qualitativa. Artigos científicos, livros e dissertações publicados entre 2015 e 2024 foram consultados, empregando bases de dados como Scielo, Google Acadêmico e periódicos especializados em Educação Física. Os critérios de seleção abrangeram estudos que tratam de: a) corpo feminino; b) gênero e poder; c) currículo cultural da Educação Física. A análise dos materiais foi conduzida de maneira interpretativa, com o objetivo de criar conexões entre autores clássicos e obras contemporâneas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da revisão indicam três principais tópicos:

1. Persistência de estereótipo

Ainda prevalece a noção de que as meninas são menos capazes em esportes de contato ou força nas aulas de Educação Física, levando-as a serem incentivadas a participar de atividades vistas como "mais delicadas", como dança ou ginástica. Essa separação fortalece os papéis de gênero convencionais e restringe as formas de expressão do corpo feminino (Silva & Oliveira, 2022).

2. O corpo como campo de batalha

O corpo feminino está sempre sendo submetido a julgamentos estéticos, controle social e sexualização. Nas práticas escolares, isso se reflete desde observações sobre vestuário até a desconsideração de alunas em competições. No entanto, ao se adotar o currículo cultural, cria-se a oportunidade para questionar esses discursos, o que contribui para valorizar a experiência das mulheres (Martins, 2023).

3. Potencial do currículo cultural

Ao aceitar que cada corpo possui suas próprias histórias e significados, o currículo cultural possibilita a desconstrução de paradigmas. As aulas se transformam em espaços de crítica e emancipação ao incorporar danças de matrizes africanas, esportes tradicionalmente praticados por mulheres e narrativas de resistência. Conforme enfatiza Neira (2020), essa perspectiva reinterpreta a Educação Física, convertendo-a em um espaço para a produção de cultura e diálogo.

A análise também mostra que práticas pedagógicas críticas afetam diretamente a autoestima e o envolvimento das alunas, levando a uma maior participação e protagonismo feminino.

4. CONCLUSÃO

Ao longo do percurso histórico, o corpo feminino foi alvo de múltiplas tentativas de controle e domesticação. A sociedade construiu sobre ele discursos de poder que definiram o que é ser mulher, o que pode e o que deve o corpo feminino. Na escola, e em especial nas aulas de Educação Física, essas heranças se manifestam em práticas que, muitas vezes, reforçam desigualdades, classificam aptidões e delimitam espaços. Contudo, é justamente nesse contexto que se abre a possibilidade de transformação.

As aulas de Educação Física, quando compreendidas como espaço de diálogo cultural, podem se tornar ambientes de libertação e expressão. O corpo deixa de ser apenas objeto de observação e passa a ser sujeito de criação e de história. Quando as mulheres têm a oportunidade de se ver representadas, de compartilhar suas vivências e de reconhecer a pluralidade de seus corpos, rompem-se as barreiras da invisibilidade e constrói-se um novo sentido para a educação corporal.

Compreender o corpo feminino como território de poder significa reconhecer que ele carrega marcas, mas também potências. Cada gesto, movimento e prática pode ser um ato de resistência, uma afirmação de identidade e uma expressão de liberdade. As escolas que acolhem

essa diversidade e se abrem à escuta das narrativas corporais das mulheres tornam-se espaços mais humanos e democráticos, capazes de promover a inclusão e o respeito.

A Educação Física, ao adotar uma perspectiva cultural, amplia sua função social. Ela não se limita a ensinar técnicas, mas passa a educar para a cidadania, a sensibilidade e o reconhecimento das diferenças. Assim, o corpo feminino não é mais reduzido à estética, ao desempenho ou à comparação com o masculino — ele se torna símbolo de força, de criação e de pertencimento.

Dessa forma, a valorização do corpo feminino nas práticas corporais representa mais do que uma mudança pedagógica: é um movimento político e social que reafirma o direito das mulheres de ocuparem todos os espaços com liberdade e dignidade. Reconhecer o corpo como expressão de histórias e experiências diversas é um passo essencial para a construção de uma Educação Física que ensine não apenas a mover-se, mas a existir de forma consciente, crítica e solidária.

5. REFERÊNCIAS

- BETTI, M. Corpo, cultura e movimento: ensaios críticos. Campinas: Autores Associados, 2019.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CRENSHAW, K. Interseccionalidade. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.
- GAYA, A. Epistemologia da Educação Física: ciência e cultura. Porto Alegre: UFRGS, 2022.
- HOOKS, B. O feminismo é para todo mundo. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. 9. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2021.
- LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

MARTINS, C. Educação Física, corpo e gênero: novos olhares. São Paulo: Cortez, 2023.

NEIRA, M. G. Currículo cultural da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2020.

SILVA, F. OLIVEIRA, L. Corpo feminino e Educação Física: desafios e perspectivas. Revista Brasileira de Educação, v. 27, n. 85, 2022.

SOUZA JUNIOR, M. Educação Física crítica: diálogos e práticas. Campinas: Autores Associados, 2019.

TAFFAREL, C. Z. Educação Física e emancipação humana. Salvador: EDUFBA, 2020.